

216
Jogos de luz e
sombra em esculturas

Levado pelos caminhos da descoberta, Sergio Camargo nos propõe, principalmente, o quadro escultórico. O artista da exposição da Galeria São Luis nos oferece pois a proposta para o mural, para o painel aplicado à arquitetura, mais do que qualquer outra solução. Se seus modelos ainda não constituem o desdobramento é porque, evidentemente, trata-se de uma proposta, e esta poderá então, se aceita, correlacionar-se à escala que tiver de ocupar.

Neste difícil momento para a escultura, que quer acompanhar a experimentação, o tacho do relevo de Sergio Camargo se mostra apto a preencher a função do decorativo abstrato, pela variedade de desenho com que pode contar, quanto pela própria gratuidade dele. Então, não há mais do que o propósito de formular uma conjugação autônoma em cada caso, para o efeito de um conjunto que interromperá o muro, mas que não traz em si nenhuma ênfase, senão esse jogo quase superficial de luz e de sombra em harmonização silenciosa em sua irrealdade.

Pode-se declarar que os quadros escultóricos de Sergio Camargo não contêm em si mais do que uma área organizada de brancas sucessões de natureza delicada e sensível, quando se trata do: relevos brancos. A imaginação fica livre, não subordinada ao coloquio, de que as invenções de Consagra, afastando-se do que o escultor chama de retórica, im-

põem à parede a sua sugestibilidade, também de painéis, mas limitadamente, porque os coloquios estão acabados. No caso de Sergio, insistimos em considerar estas apresentações dos seus espaços povoados pelos tacos brancos como verdadeiras propostas a arquitetos, à arquitetura. Pois não se compreende uma autonomia que seria de quadro de cavalete a estes trabalhos, nem será sua função outra que interromper, com áreas frias ou aquecidas a continuidade do muro.

Evidentemente, o caso desta escultura, em sua fase atual, estaciona na funcionalidade que o artista lhe deu. Não vai além porque assim está determinado, em cada um destes retângulos. A nota mais viva será a libertação do relevo para cobrir os planos polifacetados do monumento, o que implicaria em volta à retórica, depois de um quase total despojamento.

Em nosso entender, porém, o artista tocou numa extremidade da perquirição; está obedeceu mais a um desenvolvimento lógico do que a uma livre formulação de linguagem. Comunica-nos a serenidade de um trecho de paisagem visionada a uma luz igual e imperturbável. Reduz de muito as possibilidades de uma saída airosa, sem que o escultor recorra a modificações em seu comportamento de pesquisador, na sua arte tão adstrita a fins imediatos. A aplicação é à integração. — G.F.